

**REFLEXÕES SOBRE AS INFLUÊNCIAS DA ABORDAGEM EPISTÊMICA DE  
BOAVENTURA DE SOUZA SANTOS NA CONSTRUÇÃO DO CONHECIMENTO EM  
ADMINISTRAÇÃO**

**RODRIGO OLIVEIRA RIBEIRO**

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO (UFPE)

**CLARISSA CABRAL LEITE**

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO (UFPE)

**CLAUDIA DE SÁ LEMOS**

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO (UFPE)

Agradecimento à orgão de fomento:

Esta pesquisa foi financiada pela “Fundação de Amparo à Ciência e Tecnologia do Estado de Pernambuco” (FACEPE)—Brasil

# REFLEXÕES SOBRE AS INFLUÊNCIAS DA ABORDAGEM EPISTÊMICA DE BOAVENTURA DE SOUZA SANTOS NA CONSTRUÇÃO DO CONHECIMENTO EM ADMINISTRAÇÃO

## INTRODUÇÃO

Diante das discussões derivadas das aulas de Ciência e Conhecimento em Administração no processo de doutoramento, o presente ensaio é uma tentativa de explorar a relação entre o conhecimento em Administração e as contribuições teóricas de Boaventura de Sousa Santos, tendo como pressupostos a abordagem de Santos (1985) em sua obra "*Um discurso sobre as ciências*", dividida em três sessões: Primeiro o paradigma dominante representado pelo positivismo centrado em práticas científicas as quais prevaleciam o reducionismo, o empirismo, a objetividade e a generalização através da criação de teorias universais o conhecimento, além da valorização por métodos quantificáveis e passíveis de verificação.

Em seguida a crise do paradigma dominante que mesmo em declínio ainda é paradigma dominante. Boaventura demarca o início desta crise a partir das contribuições de Einstein com a teoria da relatividade e simultaneidade dos acontecimentos que expõe a fragilidade da ciência moderna, visto que, ao contrário do que afirma o positivismo, nem tudo pode ser quantificável com exatidão.

Por fim, o paradigma emergente, proposto a partir de quatro teses (Todo o conhecimento científico-natural é científico-social; Todo o conhecimento é local e total; Todo o conhecimento é auto-conhecimento; e, Todo o conhecimento científico visa constituir-se em senso comum) que em linhas gerais tratam de uma reflexão sobre a relação entre ciência, sociedade e valorização do senso comum como um conhecimento que propõe a interconexão e coexistência de valores científicos, sociais e culturais para promoção do conhecimento tornando-se, de acordo com Boaventura, essenciais para o desenvolvimento do que veio a ser denominado como ciência pós-moderna.

Boaventura em sua obra destaca os elementos constituintes para um novo paradigma orientado principalmente pela ruptura entre ciências naturais e ciências sociais e pela ruptura entre conhecimento científico e senso comum. A primeira ruptura epistemológica está relacionada à superação dicotômica entre as ciências naturais e as ciências sociais como forma de propor uma maior interação entre esses campos do conhecimento e a segunda ruptura representa um desafio epistemológico de estreitar as fronteiras entre o conhecimento científico e o senso comum.

Reconhecido por sua abordagem crítica e pluralista, Boaventura desafia as concepções convencionais de conhecimento e propõe uma visão mais inclusiva, participativa e socialmente engajada pautada no reconhecimento e na coexistência de múltiplos saberes. A tentativa de relacionar esses princípios epistemológicos no âmbito da administração pode possibilitar não apenas o enriquecimento teórico de práticas de gestão, mas também a na maneira como as organizações são concebidas, lideradas e gerenciadas em cenários de constantes mudanças.

Diante disso, e considerando o percurso epistemológico realizado por Boaventura na defesa pela pluralidade e diversidade de perspectivas na construção do campo de conhecimento da administração, verso este ensaio com base no seguinte questionamento: como a visão epistemológica de Boaventura pode contribuir para o fazer científico na administração direcionado à prática agônica e pautado no conhecimento sociocognitivo? Para responder a esta questão, este ensaio tem como objetivo discutir a relação entre o conhecimento em

Administração e as contribuições epistêmico-teóricas de Boaventura de Sousa Santos, apresentadas em sua obra "Um discurso sobre as ciências".

Para compreender esta abordagem e responder ao questionamento apresentado neste ensaio teórico é necessário percorrer sua obra e apresentar as circunstâncias pelas quais Boaventura crítica o paradigma moderno instaurado entre os séculos XVI e XVII, a transição para o paradigma científico pós-moderno e finalmente propõe o paradigma emergente objetivado pelo autor.

Para isto, irei contextualizar a relevância epistemológica e paradigmática da obra de Boaventura na busca por discutir as dinâmicas da administração no contexto contemporâneo, haja vista, as ciências sociais, principalmente aplicadas à administração, emergiram de conhecimentos derivados da perspectiva positivista que determinaram quais são as experiências válidas como ciência (Juncklaus et. al., 2016) e posteriormente a ênfase nas ciências sociais que implementou uma tentativa de romper com este paradigma a partir das múltiplas possibilidades de desenvolvimento do conhecimento científico pautado na busca pela compreensão das dinâmicas do mundo contemporâneo.

## **REFLEXÕES ACERCA DO OBJETO: O PARADIGMA DOMINANTE, A CRISE ANUNCIADA E O PARADIGMA EMERGENTE**

Santos (1985) inicia sua obra descrevendo a conjuntura paradigmática configurada pelo modelo de racionalidade e a valorização da objetividade das ciências modernas resultante da revolução científica do século XVI e pela predominância das ciências naturais às quais o campo de conhecimento dominante estava alicerçado. Além disso, as correntes filosóficas que dominaram o paradigma então vigente, foram o positivismo lógico, corrente filosófica proposta por Augusto Comte que destaca a verificação lógica das proposições científicas, considerando inválida qualquer conhecimento não verificável e o mecanicismo materialista fundamentado por Isaac Newton, o qual defendia que o mundo funciona aparado por leis rígidas onde a realidade pode ser reduzida a eventos materialistas condicionando as ciências sociais a um caráter de ciências apenas subjetiva.

Essas influências iniciais moldaram as bases epistemológicas e metodológicas que fundamentam o paradigma dominante reconhecido pela oposição às formas de conhecimento observáveis ou quantificáveis e pelos dualismos “ciência / senso comum” e “homem / natureza”. Nesse contexto, a ciência positivista indicava o que era vigente de conhecimento e invalidava e desqualificava por não ser quantificável o que ficava fora do então “cânone científico” (Correia Barbosa et. al., 2013). O conhecimento positivista era orquestrado como um pensamento onisciente, que visava a generalização de princípios científicos e o domínio do conhecimento puro antes da transformação da sociedade (Juncklaus et. al., 2016).

Diante disso, ao adotar esse posicionamento Boaventura defende uma reflexão epistemológica e diversificada do conhecimento científico, sobretudo direcionado à necessidade de uma abordagem mais crítica, reflexiva e orientada para superação da dicotomia entre ciências naturais e ciências sociais negligenciado nas condutas de conhecimentos positivistas. Assim, ao considerar estes elementos, Boaventura manifesta uma aceção Kuhniana, uma vez que Kuhn (1970) reuniu “as bases para uma sociologia crítica da ciência capaz, ela própria, de subverter a divisão positivista entre epistemologia e sociologia da ciência”, ou seja, Santos (1985) busca relacionar saberes a partir de um paradigma que permita a coexistência/interação de conhecimento científicos sem desacreditar o senso comum condizente ao contexto social da ciência.

Complementarmente, respaldado na filosofia rousseauiana, Santos (1989) explora alguns questionamentos de Rousseau quanto à possibilidade de substituímos o conhecimento vulgar que temos da natureza e da vida e que partilhamos com os homens e mulheres da nossa sociedade pelo conhecimento científico produzido por poucos e inacessível à maioria que ele prontamente respondeu negativamente.

Certamente Boaventura teria outra resposta, pois, seu discurso antipositivista foi consubstanciado por posicionamentos filosóficos de grande impacto na luta contra chamadas ciências duras (física, química e astronomia) e o positivismo que as compreendiam. Por exemplo Karl Popper (1968) e sua crítica ao verificacionismo e defesa a uma cientificidade pautada na falsificabilidade e sua capacidade de verificabilidade teórica, Thomas Kuhn (1970) ao comprovar que o progresso das ciências não é linear e cumulativo, mas ocorre por meio de transformações paradigmáticas e a visão dinâmica e pluralista dos programas de pesquisa de Lakatos (1970).

A concepção positivista no campo da administração aqui demarcada pelos estudos de estudo de tempos e movimentos desenvolvidos por Frederick Taylor (1970) no período da administração científica, enquadrada nos padrões da “ciência normal”, definida por Kuhn (1978), haja vista, o Taylorismo enfatizava a racionalização, a mecanização do trabalho em detrimento à necessidades dos operários e preconizava, em razão do lucro, os aspectos quantificáveis e mensuráveis - tempos e movimentos (Rodríguez,2015).

Fayol (1918), ao estruturar princípios universais para administração também estabelece um viés positivista em seus contributos base para a construção do conhecimento administrativo. A Teoria Clássica criada por Fayol pretendia, através da observação sistematizada, a análise e a formulação de princípios gerais, universalidade e objetividade na gestão organizacional (Witzel, 2016). Por outro lado, apesar de se diferenciar das correntes anteriores, na busca por desenvolver inovações de técnicas e métodos no processo produtivo através dos métodos Just-in-Time (JIT) de otimização da produção e Kaizen de melhoria contínua (Ohno, 2019), o sistema Toyotista de produção também possuía orientação positivista e funcionalista refletidos no rigor, na padronização e na racionalidade dos processos que objetivavam garantir a previsibilidade dos resultados (Ferro,1990)

De modo geral, é notável que estas abordagens positivistas, ao pautar uma gestão amparada na racionalidade excessiva e em métodos padronizados determinantes para administração, configuram exatamente o que Boaventura buscava combater com seu posicionamento antipositivista (Santos, 1985).

Coerente ao que Zemelman e Martinez (1987) tratariam como a necessidade de reconhecer a subjetividade, a contingência e a prática social numa perspectiva crítica e reflexiva ou que Follari et. al., (2004) versaria sobre a importância de compreender a complexidade social do processo de construção do conhecimento, Boaventura defende uma ecologia epistêmica que possa coexistir e interagir com as diferentes formas de saber a fim de superar as dicotomias pautadas na ciência moderna, para ele mudanças no paradigma dominante são mais evidentes que a emergência de um novo paradigma (Santos e Tavares, 2007). Essa visão agonista de Boaventura, reforça seu esforço em reconhecer as diferentes formas de conhecimento de maneira complementar e não excludente como prega o positivismo.

Analisando sob as contribuições das lentes teórico-epistêmicas da Teoria do discurso de Laclau e Mouffe (2014) ao relacionar a abordagem de Boaventura ao fazer científico na administração contemporânea centrado em práticas sociocognitivas de reconhecimento de saberes plurais opta-se por uma perspectiva subversiva e de resistência que possam ser

articuladas aos significados na busca por corroborar aos desafios de incorporar outras formas de desenvolvermos conhecimento no campo da Administração.

Por exemplo, embora o gerencialismo seja o modelo hegemônico no campo de conhecimento da administração, o qual caracteriza-se pela divisão hierárquica de cargos e tarefas, e disciplinado por uma visão rígida, formal e funcionalista (Carrieri et. al., 2014), que categoricamente foram construídos assentes a discursos de um conhecimento tido como puro ou restrito ao racional, absoluto, universal e excludente de outros saberes concorrentes (Barros e Carrieri, 2013).

Logo, baseado neste exemplo, superar as fronteiras antagônicas deste modelo sob a perspectiva agonista da abordagem epistemológica de Boaventura, a qual assume que saberes distintos não se anulam, mas se complementam (Silva e Toledo, 2016; Laclau e Mouffe (2014) requer primeiramente reconhecer seu caráter contingente que deve ser interpretado não apenas como *locus* de hierarquia e poder mas principalmente pela possibilidade de regeneração através da construção de alternativas emancipatórias que priorizem a coexistência e interação de saberes baseado em práticas sociais não-hegemônicas e contrárias aos paradigmas eurocêntricas do conhecimento científico, (Santos, 2006).

Nesse contexto, transcender este espectro da hegemonia positivista demarcado pelo modelo gerencialista pode ser melhor compreendido com vistas à perspectiva da ecologia epistêmica de Boaventura no que se refere à coexistência de conhecimentos diversos com propósitos complementares e não excludentes que convergem com os aportes teóricos do debate pluralista da participação social de caráter agonista (Mouffe, 1999) e no discurso epistêmico de Boaventura no que tange à ecologia dos saberes (Santos et. al., 2006), sociologia das ausências e emergências, anunciada em sua obra (1985) "*Um discurso sobre as Ciências*" e mais tarde aprofundada (2002) no artigo "*Para uma sociologia das ausências e uma sociologia das emergências*" que propôs a valorização da diversidade e a riqueza das experiências sociais (Santos, 2002).

Considerando que Boaventura advoga pelo fim de um ciclo hegemônico-científico-dominante que não despreza suas contribuições, mas reconhece a validade das diferentes formas de conhecimento com o objetivo de superar as dicotomias "ciência / senso comum" e "homem / natureza" e focar em aumentar as possibilidades de construção de saberes científicos postulados em experiências humanas e sociais às quais foram dissuadidas pela ciência no período da modernidade.

Ainda que haja tentativas de propor novos modelos ou a integração/coexistência entre os padrões estabelecidos na base dos conhecimentos em Administração, haverá a prevalência de interesses que pressupõe sua existência, que, na perspectiva pluralista de Boaventura "a forma oficialmente privilegiada de conhecimento e a sua importância para a vida das sociedades contemporâneas não oferece contestação", ou seja, todo conhecimento científico ou pautado no senso comum é competente para formar ciência.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A ruptura da ciência moderna com o senso comum desconsidera outras formas tradicionais de saberes com o argumento de supremacia científica das denominadas ciências duras, as quais configuram o então paradigma dominante e segundo Boaventura estas ciências conduziram à destruição de algumas formas de saber locais, à inferiorização de outros provocando um verdadeiro "epistemicídio", que está relacionado à morte da construção dos conhecimentos (Santos 2009).

Nesse sentido, o presente ensaio objetivou discutir, a partir da obra "Um discurso sobre as ciências", como a perspectiva epistemológica de Boaventura pode contribuir para o fazer científico na administração direcionado à prática agônica e pautado no conhecimento sociocognitivo. Estas proposições aqui apresentadas foram contextualizadas com as abordagens de Santos (1985) no que tange às raízes do paradigma dominante, os componentes que contribuíram para sua crise e sua proposta de paradigma.

Para isso, foram apresentadas três correntes do conhecimento em Administração (Taylorismo/Fordismo/Toyotismo) que comportam características inerentes ao posicionamento paradigmático do positivismo: utilização de métodos racionais, universalidade e objetividade, rigor excessivo e padronização de processos, além disso, a relação entre esses modelos serviu de orientação para formação do conhecimento em administração.

Nesse contexto a visão epistêmica de Boaventura contribui para uma mudança de perspectiva no campo do conhecimento da administração, primeiro, porque sua epistemologia busca confrontar o caráter eurocêntrico do conhecimento científico tanto relativo às ciências duras dominantes do período da Revolução Científica quanto às enquadradas nos padrões da "ciência normal" como definido por Kuhn (1978), aqui denotada pelo Taylorismo, Fordismo e Toyotismo.

Segundo pela valorização das práticas sociocognitivas, emancipatórias, pluralistas, dialógicas e inclusivas caracterizadas como não-hegemônicas e pela incorporação de práticas e saberes que emergem de contextos diversos que podem contribuir para o avanço e alicerce epistemológico do conhecimento em Administração seja para o enriquecimento teórico do campo, seja para repensar a maneira como as organizações são constituídas, lideradas e administradas.

Além dos elementos indicados nos parágrafos anteriores, é relevante considerar que, de acordo com o pensamento agônico desenvolvido por Boaventura, sua episteme reconhece que diferentes formas de conhecimento podem coexistir e interagir de maneira complementar e não excludente como prega o positivismo e nesse sentido, deve-se ressaltar em razão da natureza contextual a qual se desenvolve o conhecimento em administração, uma vez que, sendo ciência social aplicada, ela incorpora experiências teóricas-cognitivas de diversas áreas do saber (Gil et. al., 2014).

É certo que a proposta neste ensaio não exaure o debate acerca dos temas aqui levantados, logo, é necessário discussões com outros autores e novas abordagens para que se problematize e se discutam novas proposições para que conhecimentos plurais e dialógicos se reconheçam e fortaleçam como contribuições científicas no desenvolvimento do campo científico da administração.

Diante do exposto, tornam-se razoáveis alguns questionamentos que podem nortear futuras pesquisas: Como a integração entre o conhecimento científico e o senso comum pode influenciar no avanço do desenvolvimento do conhecimento em Administração? Quais são as implicações da valorização de saberes pautados no saber científico de senso comum na construção de conhecimentos sociocognitivos na Administração? A perspectiva agonista da abordagem epistemológica de Boaventura pode ser considerada como alternativa para práticas de gestão pautadas na interatividade de saberes científicos no campo da Administração?

## REFERÊNCIAS

- Barros, A. N. D., & Carrieri, A. D. P. (2013). Ensino superior em Administração entre os anos 1940 e 1950: uma discussão a partir dos acordos de cooperação Brasil-Estados Unidos. *Cadernos Ebape. br*, 11, 256-273.
- Carrieri, A. D. P., Perdigão, D. A., & Aguiar, A. R. C. (2014). A gestão ordinária dos pequenos negócios: outro olhar sobre a gestão em estudos organizacionais. *Revista de Administração (São Paulo)*, 49, 698-713.
- Correia Barbosa, M. A., Barbosa Neves, F. E., Leandro Santos, J. O., De Souza Araújo Cassundé, F. R., & Cassundé Junior, N. F. (2013). " Positivismos" versus" interpretativismos": o que a Administração tem a ganhar com esta disputa?. *Revista Organizações em Contexto*, 9(17).
- Fayol, H. (Ed.). (1918). *Administration industrielle et générale: prévoyance, organisation, commandement, coordination, contrôle*. H. Dunod et e. Pinat.
- Ferro, J. R. (1990). Aprendendo com o " Ohnoísmo"(produção flexível em massa): lições para o Brasil. *Revista de Administração de Empresas*, 30, 57-68.
- Follari, R., Bistué, N., & Yarza, C. (2004). La proliferación de los signos: La teoría social en tiempos de globalización.
- Gil, A. C., Souza, D. A., Novaes, M. B. C., Sila, E. C., & Maia, A. C. (2014). Exigência do consentimento informado na pesquisa em administração. *Gestão contemporânea*, 4(2).
- Juncklaus, L. R., Bini, T. J., & Moretto Neto, L. (2016). Independência ou Norte: reflexões sobre a influência do estrangeirismo no campo do conhecimento da administração no Brasil. *Cadernos EBAPE. BR*, 14, 47-60.
- Kuhn, T. (1970). The nature of scientific revolutions. *Chicago: University of Chicago*, 197(0).
- Kuhn, T. S. (2021). *A estrutura das revoluções científicas*. Guerra e Paz Editores.
- Lakatos, I., & Musgrave, A. (Eds.). (1970). *Criticism and the Growth of Knowledge*. Cambridge University Press
- Laclau, E., & Mouffe, C. (2014). *Hegemony and socialist strategy: Towards a radical democratic politics* (Vol. 8). Verso Books.
- Mouffe, C. (1999). Deliberative democracy or agonistic pluralism?. *Social research*, 745-758.
- Ohno, T. (2019). *Toyota production system: beyond large-scale production*. Productivity press.
- Popper, K. R. (1968). *The logic of scientific discovery*. 5. ed. London: Hitchison.
- Rodriguez, R. S. (2015). Racionalidade neoclássica: uma crítica além do positivismo. *Revista Espacio Crítico, Bogotá*, 22, 40-50.
- Santos, B. S. (1985). *Um Discurso Sobre as Ciências*. Sao Paulo: Editora Cortes.
- Santos, B. S. *Introdução a uma ciência pós-moderna*. (6a ed). Porto, Afrontamento, 1989.
- Santos, B. D. S. (2002). Para uma sociologia das ausências e uma sociologia das emergências. *Revista crítica de ciências sociais*, (63), 237-280.
- Santos, BDS, Meneses, MPG, & Nunes, JA (2006). Conhecimento e transformação social: por uma ecologia de saberes. *Hiléia: revista de direito ambiental da Amazônia* , 4 (6), 9-103.
- Santos, B. S., & Tavares, M. (2007). Em torno de um novo paradigma sócio-epistemológico. Manuel Tavares conversa com Boaventura de Sousa Santos. *Revista Lusófona de Educação*, 10(10).

Silva, E. R. D., & Toledo, D. A. D. C. (2016). As contribuições de Robert Cooper para o debate sobre ontologia organizacional. *Cadernos EBAPÉ. BR*, 14(1), 116-134.

Zemelman, H., & Martínez, A. (1987). *Conocimiento y sujetos sociales: contribución al estudio del presente*. El Colegio de México.

Witzel, M. (2016). *Uma história de pensamento gerencial*. Routledge.